

O telégrafo de Troia - reflexões

CESARE GIUSEPPE GALVAN

Centro Josué de Castro

Resumo. Mais de tres milênios e dois séculos atrás, os Gregos assediaram Troia por dez anos, ao cabo dos quais a derrotaram e destruíram. Para anunciar a vitória usaram um “telégrafo” feito de fogos acesos à distância. Ésquilo rememora esse feito: expõe primeiro o uso dos fogos, mas completa comentando o conteúdo da mensagem: implicações para vencedores e vencidos. A mensagem substitui a fala. Agostinho (séc. 4 d.C.) analisa com seu filho Adeodato o sentido da fala: ela quer ensinar. Mas “la palabra sola no muestra la cosa, si la cosa no es antes conocida” (Carpentier). Só relembra ou “estimula o homem a aprender”. As TIC potencializam fala e escrita. Mas se acrescentam a si mesmas como parte das “cosas”. Impõem-se como “algo mais”, um novo objeto do conhecimento. Seu estudo concentra-se nelas tirando o foco do objeto central, o conhecimento supostamente comunicado.

Palavras chave: fala; conhecimento; comunicação; meios; TIC.

Abstract. More than three thousand and two hundred years ago Greeks sized Troy: after ten years they defeated and destroyed it. To announce their victory, they employed a “telegraph” made with fires at distance from one anoher. Aeschylus remembers this deed: he explains first the usage of fires, but completes by commenting the message: implications for both victors and defeated. The message substitutes the speech. Augustine (4th century p.C.) analyzes with his son Adeodatus the meaning of speech: it is made to teach. But “the lonely word does not show the thing, if the thing is not known before” (Carpentier). It only remembers or “stimulates man to learn”. ICT (Information and Communication Technologies) potentiate speech and wrighting. But they add themselves as new “things”, new objects of knowledge. Their study concentrates in them and removes the focus from the central object, the supposedly communicated knowledge.

Keywords: speech; knowledge; communication; means; ICT.

1 - Telégrafo de fogos

A história antiga oferece casos inesperados no uso dos meios de comunicação, quase a sugerir que essa foi desde sempre uma preocupação básica das sociedades organizadas. Aliás, um dos

exemplos mais constantes desses meios é a escrita, fenômeno que acompanha praticamente todas as civilizações que se desenvolveram na face da terra. É um meio tendencialmente universal. Mas outros exemplos há, alguns curiosos.

Troia fornece um caso desses. É uma história narrada muitas vezes e se pode resumir em poucas linhas. Os Gregos sob a liderança do rei Agamemnon assediaram Troia por dez anos, ao cabo dos quais conseguiram derrotar e destruir a cidade. Telegrafaram então para casa, anunciando a vitória. Sua volta aos lares não resultou tão fácil quanto a comunicação; mas esta já é outra história.

Esses eventos foram contados e recontados muitas vezes desde aqueles tempos, finais do século XIII a.C., quando aconteceram. No entanto, hoje em dia fácil será colocar em dúvida não aquela guerra e destruição de Troia – feitos documentados até mesmo nas escavações modernas – mas o episódio do uso de um “telégrafo” milhares anos antes de 1836, quando Morse aplicou seu famoso código a um novo invento elétrico, gerando assim uma nova fala e uma nova escrita, uma das primeiras TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação. Será então que nosso resumo não merece crédito? Resultado um tanto estranho: teríamos hoje a certeza documental dos fatos ocorridos em Troia, mas não aceitaríamos mais a existência de meios de comunicação dos mesmos, usados então para dar ciência dos mesmos.

O fato de que os Gregos não tinham ideia da eletricidade não os impediu de realizar a mesma façanha (o “telégrafo”) com outros meios. Foi o que narrou poucos séculos depois o teatrólogo Ésquilo numa das mais clássicas evocações dos mitos troianos no teatro de Atenas. Na tragédia *Agamemnon*, com redação castiça e competente colocou o relato do acontecido na boca de Clitemnestra, esposa infiel do rei vitorioso. Vejamos apenas alguns trechos dessa fala trágica:

Hefestos acende em Ida uma brilhante luz. A partir daí, de fanal em fanal, a mensagem de fogo chegou até aqui. De Ida enviaram-na ao rochedo de Hermes, em Lemnos; [...] O forte clarão, sem enfraquecer, percorreu a planura do Asôpos, semelhante à lua brilhante, e despertou, no cume do Citeron, um outro posto do fogo viajante. O vigia não tardou em enviar a luz visível ao longe [...] A luz vinda de Ida chegou ao teto dos Atridas.¹

Clitemnestra conclui: “São pois estes, devo dizer-to, a indicação e o sinal que o meu esposo me transmitiu de Troia” (verso 315s.). Agamemnon, portanto, “transmitiu” um sinal: note-se a modernidade dessa expressão, na poética descrição do “fogo viajante”. Clitemnestra leu, interpretou, entendeu. Leitura técnica, conforme tinha sido previamente determinado, organizado e juridicamente imposto: “Tais foram as leis prescritas aos meus lampadôforos” (verso 312).

1 ÉSQUILO, 2002, p.147. Os trechos citados encontram-se entre os versos 281 e 314. “Atridas” designa a estirpe de Agamemnon.

É bem verdade que nessa descrição trágica não se fala em momento algum de aparelhos telegráficos. Fala-se, porém, no fundo, do mesmo fenômeno, do mesmo procedimento, da mesma técnica: uma comunicação rapidíssima, quase instantânea, a longa distância através de sinais materiais devidamente preestabelecidos. O instrumento utilizado é uma técnica que o homem dominava naquela época desde milênios, um artifício produtor de calor e de luz: o fogo. Mas não deixa de ser algo tão parecido, na substância, com aquilo que normalmente se faz hoje no telégrafo ou no telefone: falta-lhe unicamente, para assim se caracterizar, o uso de modernas técnicas eletrônicas.

Note-se nessa primeira fala de Clitemnestra: intermediários não são só os fogos, mas os próprios encarregados de cuidar deles. Eles são “mensageiros”, ἄγγελοι (*ággeloi*²). Sempre em ação, sem deixar-se “vencer pelo sono” (verso 290s.). Ao longo de toda a narração, trata-se explicitamente de uma sequência de atores humanos servindo-se das técnicas mais rápidas de que dispunham na época. Já desde então, portanto, ocorre o uso de meios artificiais, previamente convencionados, para comunicar. E temos inclusive uma “teoria explicativa” de seu uso, as “leis prescritas”. Há uma técnica, e há técnicos para praticá-la. Tudo conforme uma lei. Sujeito à ordem hierárquica.

Outra característica sobressai: costuma-se pensar que uma vez que o sinal convencionado é transmitido e recebido, a comunicação é dada por descontada. Ou haverá ainda alguma dúvida? É o que sugere o desenrolar-se da peça esquiliana. Depois que Clitemnestra narrou com tanta clareza (e com detalhes ainda mais sutis do que os acima citados...) o desenrolar-se dos fogos sucessivos, o coro ainda pede que ela repita (verso 319). Repetir? A rainha mostra que entendeu bem claramente o sentido dessa solicitação e volta ao assunto. Mas, se lermos esse segundo texto, o assunto agora é outro. Não se trata mais de descrever a técnica usada para comunicar a mensagem da vitória sobre Troia. É preciso detalhar o próprio conteúdo daquilo que foi transmitido.

Nessa nova fala (versos 320 até 350) não se diz mais nada nem sobre o fogo mensageiro, nem sobre os a geografia dos lugares em que ele brilhou. Tudo concentra-se agora na situação de Troia vencida, invadida, e nos vencidos e vencedores, seu desespero e seu alívio respectivos. O texto se alonga, espontaneamente, a extrapolações e previsões sobre como deverão religiosamente comportar-se os vencedores, respeitando os deuses da cidade vencida, se quiserem evitar ulteriores dificuldades no retorno à sua pátria. O que se explicita agora é o conteúdo da mensagem e suas implicações.

2 Do grego “ággelos” vem nosso vocábulo “anjo”: é de antiga data o uso e também a teoria das mensagens e dos mensageiros.

Talvez seja forçar demais o texto de Ésquilo, mas não podemos evitar de notar como, com toda espontaneidade, a rainha dos Aquéus distingue, separa e dá um tratamento complementar a dois assuntos interrelacionados, mas distintos: os meios de comunicação por um lado, e o teor da mensagem comunicada por outro. Claro que não se poderá buscar no texto poético uma explicação, ou interpretação analítica daquilo que é objeto da representação trágica. No entanto, ao ler esse texto – mais ainda ao presenciarmos sua apresentação – podem-se elaborar distinções e até teorias a respeito de seu sentido. No caso em pauta, parte substancial de seu teor são exatamente os meios de comunicação artificiais, convencionais, utilizados pelos povos antigos.

Constatamos que o Autor, com toda clareza, não se dá por satisfeito quando acaba de apresentar o meio de comunicação com seus detalhes. Questiona-se ele, adicionalmente, sobre o próprio conteúdo daquilo que foi transmitido, sobre seu significado. Quem sabe se hoje, utilizando terminologias de bem outra origem, não poderíamos dizer que Ésquilo sente a necessidade de passar do significante para o significado. E note-se adicionalmente: o que acabamos de observar fornece a introdução à temática do coro a seguir, nas estrofes que celebram e comentam os feitos de Troia (versos 355 até 474). É no meio desses que volta a aparecer a questão do instrumento de comunicação, ou seja do fogo; mas é recolocada unicamente para questionar se sua mensagem, tão esperançosa para os Aquéus, era verdadeira ou ilusória.

Será que o meio comunica a verdade do acontecido, ou não? Essa parece ser a preocupação de quem acaba de presenciar seu uso. Sabe-se o que foi comunicado. Mas podem surgir dúvidas sobre seu conteúdo de verdade.

Com essas observações, podemos introduzir o questionamento central que provoca a leitura dos clássicos. A propósito: de clássicos em clássicos, podemos recorrer a outros pensadores antigos e modernos, para procurar onde eles puseram o acento quando levantaram alguma questão sobre a comunicação humana. Algumas dessas elaborações concentram-se na tentativa de definir o que é mais essencial, ou seja a fala e a escrita. Aqui será oportuno examinar portanto algo sobre a fala. Um dos textos mais importantes nesse sentido – um texto que fez história – foi redigido bem mais tarde da época que acabamos de contactar: no século quarto depois de Cristo, quase um milênio depois de Ésquilo. Redator foi Agostinho com umas contribuições brilhantes de seu filho Adeodato.

2 – Os meios e a comunicação

Quid tibi videmur efficere velle cum loquimur? [Que te parece que pretendemos fazer quando falamos?]

(AGOSTINHO. *De magistro (Do mestre)*. Esta é a frase inicial do diálogo.

Lo que es corporal y sensible se transmite (de una persona a otra) mucho mejor y de una manera cabal cuando ello se hace directamente.

(Ibn JALDÚN (±1377). 1987, p.707)

Gödel: “Quanto mais penso na linguagem, [...] mais me surpreendo com o fato de as pessoas conseguirem entender umas às outras”.

(referido por GOLDSTEIN, 2008, p.133)

Acabamos de constatar que determinados fenômenos típicos da vida moderna tiveram algum precursor em tempos muito mais antigos do que se poderia suspeitar. Outras surpresas poderão vir a partir das interpretações elaboradas por teóricos (filósofos, historiadores, ...) sobre a comunicação, seus meios, seu sentido. Sobretudo, a respeito de seu modo de operar.

As tres epígrafes sirvam de aperitivo para tais disquisições. A primeira coisa que elas fazem em nosso discurso é *redirecioná-lo*. Não se trata somente de examinar a relação entre os vários meios e a própria comunicação, que é ou seria seu conteúdo. Trata-se, antes disso, de questionar a própria natureza do conhecimento humano, problematizando o processo pelo qual ele pode e deve ser compartilhado entre muitos. Nesse nível, naturalmente, o meio principal de comunicação é a fala. Ela precede qualquer outro instrumento, inclusive aquele tão compreensivo e pretensamente universal, que veio a ser a escrita.

O estudo da história nos concede a liberdade de passear através dos tempos passados, de visitar épocas em que ainda não existiam nossas TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação), características dos tempos em que vivemos. Existiam porém, já então, outras “artes”, conforme se denominavam na língua imperial, o latim. O termo grego para designar essas “artes” (inclusive as artes do fogo que vimos brilhar) era τέχνη (*téchne*), de onde derivou nosso vocábulo “técnica”, com todas as modernas “tecnologias”.

Sem pretender examinar todos os desenvolvimentos dessas palavras, podemos notar como “arte” (*ars*, em latim) e “techne” eram inicialmente sinônimos, aliás muito compreensivos, e passaram a denominar fenômenos diferentes – grosso modo, o termo “arte” indicando o belo³, e o termo *techne* (técnica) o uso de instrumentos no trabalho.

Com essas anotações preliminares, podemos passar a localizar – numa história que já se

3 ABBAGNANO (2006, p.84) no verbete “arte” observa a propósito desse termo: “o uso culto tende a privilegiar seu sentido de arte bela”.

revela bastante complexa – os fenômenos que pretendemos analisar, relativos aos meios de comunicação. Conforme já foi proposto, trata-se de chegar até as nossas TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação), com suas implicações sociais – de então e de hoje. Ocorre que nesse campo estamos acostumados a considerar atentamente os **meios**⁴ ou instrumentos de que nos servimos para alcançar a clássica finalidade, que é comunicar. Em outras palavras, ao falarmos em “comunicação” entendemos hoje muitas vezes exclusivamente o uso dos instrumentos materiais e as técnicas que nos levam a realizá-la.

Ao reler então as tres epígrafes propostas, notamos logo que elas discordam dessa direção da pesquisa: em vez de concentrar o esforço no entendimento dos “meios” em si e de sua ampla difusão, elas sublinham que o que interessa são certos problemas preliminares à própria introdução e ao uso de instrumentos, por sofisticados que sejam. Hoje por comunicação costumam-se entender os meios que servem (ou serviriam?) para esse fim. Seu desenvolvimento é um dos sinais mais explícitos do avanço desta civilização material que vivemos no último meio milênio. Aliás, seus predecessores (desde os primeiros “meios” inventados pelo homem) se encontram na própria origem das civilizações. Historicamente (talvez mais preciso seria dizer “cronologicamente”) aparecem primeiro os meios, só depois desenvolve-se uma civilização que, entre outras características, ostenta o uso deles. O exemplo nobre e mais geral de meios para comunicar, e de sua função na história das civilizações, é e permanece a escrita, em suas mais variadas formas.

Se bem observarmos esse fenômeno, o que costuma ocorrer hoje, é que se consideram antes os **meios** do que a própria comunicação, aqui entendida como **nexo entre as pessoas**. Por uma espécie de “prioridade falsa”, a comunicação “em si” é resumida, quase diríamos “subsumida”, nos “meios” que para ela se empregam, quando o contrário é que deveria ser o caso: os meios subsumidos no fim, na comunicação, em seu conteúdo. Em outras palavras, fala-se hoje nos “meios”, nos instrumentos para comunicar; o “fim” – a relação intelectual entre homens – é dado simplesmente por descontado. Isso é exatamente o contrário daquilo que propõem os tres Autores das epígrafes citadas – autores tão diversos e afastados no tempo, no espaço e na história das civilizações. O próprio Ésquilo demonstrava ter disso uma percepção muito clara.

4 Alguém estranharia talvez que no texto acima não se empregue o termo hoje familiar “mídia”. A motivação para isso – além de certa alergia pessoal que posso tranquilamente reconhecer – vem de uma constatação de origem quase etimológica. Como a etimologia pode ser considerada uma espécie de nostalgia linguística, entendemos que os ingleses, a um certo ponto, tenham optado por designar os **meios** de comunicação com a correspondente palavra latina, que é “*media*”, palavra da qual os romanos usavam também o singular “*medium*”. Mas como parece que os ingleses nunca aprenderam por completo a ler e escrever, ao ler “*media*” pronunciaram “mídia”. Equívoco fonético ou liberdade etimológica? Nós, latinos (não todos os latinos, é claro!), colonizados disciplinados, adotamos essa pronúncia equivocada como se fosse termo técnico, chegando inclusive a esquecer o singular e escrevendo-a conforme nossa grafia para essa pronúncia. Essa história bem mereceria o estudo de algum etimólogo. Um bom pesquisador judaico desse ramo talvez encontrasse nela algum paralelo com a origem da palavra Jeovah. Mas baste ter fornecido aqui uma razão a título pessoal.

Comecemos pela segunda epígrafe, colocando-a em seu contexto imediato, citando Ibn Khaldun mais por extenso⁵:

El arte es una facultad adquirida (por la cual se obra) en una cosa que es objeto de trabajo y de reflexión. Al ser objeto de trabajo se es corporal y sensible, y lo que es corporal y sensible se transmite (de una persona a otra) mucho mejor y de una manera cabal cuando ello se hace directamente. Es pues por la transmisión directa como esos objetos se obtienen del modo más ventajoso. [...] La facultad adquirida depende de la naturaleza de su origen. Se compenetra mejor y de un modo más completo lo que se transmite (al espíritu) por los ojos que lo que llega por vía de informaciones y de instrucción. La facultad que se adquiere de la primera manera es pues más cabal y más sólida que la que se obtiene por el segundo conducto.

Ibn Khaldun, historiador árabe do século 14 e 15, tinha à disposição para seu exame como “meios de comunicação” (“se transmite”, diz ele) a escrita com as técnicas muito sofisticadas que serviam para analisar os textos e reconduzi-los às suas origens, testando assim sua validade e veracidade. Com toda essa riqueza à disposição (embora infinitamente menor que nossas TIC!), ele insiste em sublinhar a importância do contato direto entre pessoas que querem se comunicar. Outra característica de sua colocação é centrar o foco não no meio (para ele, seria escrito ou oral), e sim no próprio conteúdo (“lo que... se transmite”) e nas garantias que se podem ter de que ele de fato, por assim dizer, chegue íntegro à destinação e revele a verdade. Preocupação análoga vimos ser a da Clitemnestra de Ésquilo e do coro da tragédia *Agememnon*.

A primeira consequência é que a problematização mesma centrada nas TIC, tão familiar nos dias de hoje, desviou a atenção de um problema básico – e sobretudo preliminar – *da comunicação*, problema que é importante para a vida humana e que constituiu objeto de reflexão durante séculos, melhor, durante milênios. Podemos reler então o que dizem Agostinho ... e Gödel, dois filósofos que viveram bem afastados um do outro, um nos séculos quarto e quinto, o outro no século vinte, respectivamente. No entanto, quanta coincidência.

Suas perguntas diferem na forma, mas o assunto é o mesmo. Trata-se de um – digamos assim – encontro intelectual entre duas pessoas, das quais uma fala o mesmo que a outra, superando uma distância de séculos. Agostinho retoma a experiência das meditações filosóficas dos Gregos no ambiente de desagregação do Império Romano e de sua civilização. Gödel, em pleno século vinte foi considerado o maior lógico depois de Aristóteles. Evidentemente, essa coincidência numa tal experiência da reflexão humana é de portada tão universal que sua análise não conseguiria suscitar o interesse de nenhum técnico. Só para filósofos.

Ou para literatos. De fato – um exemplo dentre muitos – um escritor que dá outra roupagem a

5 JALDUN, 1987, p.707. No texto dei preferência à leitura portuguesa desse nome: Ibn Khaldun. Na bibliografia o mesmo nome consta conforme a edição mexicana que foi utilizada.

esse mesmo problema é Graciliano Ramos, quando logo no primeiro capítulo de seu *São Bernardo*, lembra um diálogo em que “cada um prestava atenção às próprias palavras, sem ligar importância ao que o outro dizia”. Onde estava a comunicação?

3 - Agostinho e Adeodato

A este ponto, melhor será tentar extrair algumas considerações da provocação de Agostinho com a frase inicial do *De magistro* acima citada; a esse questionamento ele mesmo responde em diálogo com seu filho Adeodato⁶. Interessante seria cotejar a leitura dessa citação com análogas elaborações de um autor tão lacônico como foi Gödel, mas acabou sendo impossível localizar outros textos desse mesmo teor nas obras do grande lógico da incompletude. Incompleta ficará, portanto, sob esse aspecto, também a exposição a seguir.

No fundo, trata-se de captar qual será o mecanismo que liga os sinais (sobretudo aqueles primeiríssimos sinais elementares que são as palavras que falamos) com o conhecimento e sua “transmissão”, de umas pessoas às outras, como diria Gödel. Tomamos como guia os pontos principais daquele diálogo. Vão resumidos a seguir, naturalmente sem nenhuma pretensão de reproduzir aqui a mesma precisão e profundidade de análise que caracteriza o texto agostiniano. Que aliás representa um avanço notável, inclusive do ponto de vista literário, sobre seu próprio mestre e modelo de exposição, que foi Platão.

A pergunta inicial do diálogo é sobre a fala: “Que te parece que pretendemos fazer quando falamos?”. Essa pergunta, claramente, poderia ser referida a qualquer outro meio de comunicação, a qualquer uso de sinais; mas Agostinho se concentra naquele que é o mais inicial de todos, e portanto o mais crucial: a fala. Deixa de lado, não sem mostrar grande admiração, um caso que poderíamos denominar de “comunicação sem sentido”, ou seja o canto, padrão fundamental de toda música. Isso, para concentrar-se naquele uso comum da fala que é “para dizer algo”. Acontece porém a respeito desse “algo”, um problema retomado, ainda muitos séculos depois, por Alejo Carpentier. O ponto mais nevrálgico desse procedimento de comunicação é que “la palabra sola no muestra la cosa, si la cosa no es antes conocida.”⁷

Partimos do fato que se pretende explicar a finalidade de um som proferido pela voz, um som que possui um significado, ou seja um exemplo específico dentro de um amplo conjunto de usos de

6 O *De magistro* está escrito em forma de diálogo entre Agostinho e o filho Adeodato, ficção literária que na prática não ocorreu exatamente como refere o texto. No entanto, o próprio Agostinho informa que “todas as opiniões que ai se inserem, atribuídas ao meu interlocutor, eram as dele quando tinha dezesseis anos.” (*Confissões*, livro IX, cap.6. No volume citado de Os Pensadores, p.178).

7 *El arpa y la sombra*, 8.a ed. México, Siglo XXI, 1980, p.115. Trata-se de reflexões atribuídas, poeticamente, a Cristóforo Colombo, depois da experiência com os povos que ele encontrou.

sinais. Dentro dele podem-se enumerar tres casos (cf. *De Magistro*, 7.20), segundo os quais quem fala pretenderia

- mostrar sinais com outros sinais;
- ou com sinais mostrar coisas;
- ou mostrar coisas sem sinais.

Esta última opção é julgada inconsistente no decorrer do texto, restando válidas portanto somente as primeiras duas, pois “nada temos que pareça poder ensinar-se sem sinais” (*De Magistro*, 10.30). Portanto: ou sinais mostram sinais, ou sinais mostram coisas. Mas ai encontramos no beco sem saída apontado por Carpentier. Dito em outras palavras, “talvez não encontres nada que se possa aprender pelos seus próprios sinais” (10.33). Pois os sinais pressupõem um conhecimento preliminar das coisas e da relação entre esses mesmos sinais e as coisas. Dá para perceber por que, ainda dezesseis séculos depois um lógico da estatura de Gödel pudesse formular a sua famosa dúvida. Algo que Agostinho assim resume: “mais se aprende o sinal através do conhecimento da coisa do que se aprende a coisa ao ter o sinal” (ibid., item 10.33).

Toda essa discussão tem por pano de fundo aquele princípio preliminar: “as palavras devem ser consideradas de menor importância em confronto com aquilo por que as usamos” (9.26). Esse princípio talvez possa sinalizar algo importante para o entendimento dos problemas de um mundo onde os sinais e as técnicas para emití-los e transmiti-los se tornaram tão inúmeros. Eventualmente, caberá perguntar se as TIC deram alguma contribuição para alcançar um avanço na comunicação humana, naquele cerne que tanto inquietou Agostinho e Gödel.

Em vez de ensinar seu próprio conteúdo, o uso das palavras pressupõe que saibamos de antemão qual é seu significado. É a condição para a compreensão.

As máquinas das TIC

A palavra só lembra o que já é conhecido, ou “estimula o homem a aprender”. As TIC potencializam a fala e a escrita. São a sublimação da palavra em sua definição material. Uma primeira modificação que elas introduziram é que o simples fato de “dizer algo” acabou se transformando numa “ação”(?) *diferente* do que era antes. No dia de hoje, o próprio ato de “dizer” não é mais o que era. Ao ponto que o bebê (dizem...), antes de aprender a dizer “mamá”, deve receber um SMS...

Dado fundamental a respeito de todos esses modernos meios: eles amplificam enormemente a capacidade que tem a fala e a escrita de se difundirem no espaço e no tempo. Esses dois meios de comunicação, cujo início e base continua a ser a fala, contam agora com uma quantidade e qualidade de instrumentos para percorrer mais eficientemente a distância que separa – no espaço e no tempo – quem fornece a comunicação e quem se constitui seu destinatário. Naturalmente essa amplificação multiplica também o número de pessoas a dar e, sobretudo, a receber uma determinada mensagem. Sempre sujeita às condições do uso da palavra.

Pensemos rapidamente na lista das principais TIC. Em ordem cronológica vem telégrafo (escrita), telefone (fala), rádio (fala), televisão (fala e escrita), internet (idem), com todos os instrumentos auxiliares, que não são poucos, a começar pela gravação, esta particularmente importante para superar barreiras do tempo. Gravação visiva e sonora, desde a fotografia até os discos e sua história, passando pelo cinema e pelo instrumento que foi simplesmente designado de “gravador”.

Coroação desse processo (até o momento) costuma ser considerado um celular enfeixando todos aqueles instrumentos conjuntamente. É um complexo amplíssimo que hoje, no fundo, presta o mesmo serviço que a transmissão da vitória de Troia pelos fogos. Potencializado.

Além disso, porém, as TIC constituem algo mais no mundo da comunicação. Além de não trazerem solução para aquelas questões inerentes à fala (confer Agostinho, acima) as próprias TIC acrescentam-se a si mesmas como parte das “cosas” a ser previamente conhecidas, conforme fala Carpentier. Impõem-se como “algo mais”, como novo objeto do conhecimento, cada vez mais “necessário”. Dito em outras palavras, não basta mais usar o meio para chegar a conhecer o recado que ele traz. É preciso conhecer o próprio meio. Ele é o novo objeto da comunicação, além de ser seu instrumento. O estudo da comunicação concentra-se nele, chegando a deixar fora de foco o objeto central, o conhecimento comunicado. Continua o mesmo problema de Troia entrevisto pelo coro esquiliano, agora com muito mais material para enfrentar.

“Dizer algo” – um ato tão familiar aos homens, a todos os homens – tornou-se hoje, na maioria dos casos, algo diverso daquilo que era antes daquelas invenções. O que permanece é o uso de sinais para comunicar. Mas multiplicaram-se simultaneamente sinais e meios para transmiti-los. A lista dos instrumentos básicos continua a mesma: fala e escrita. Essa mudança de panorama apresenta então as seguintes características:

a) supõe que os interessados (os emitentes e os destinatários) tenham pelo menos algum conhecimento (inclusive formal, técnico) do funcionamento dos meios de transmissão;

b) daí que o conhecimento dos sinais – desde os píncaros especulativos da semiótica até saber como ler um celular – tenham-se tornado cada vez mais importantes na sociedade moderna;

c) a lista das TIC é cada vez mais ampla; mantem porém sempre como referência constante uma lista bem menor: as duas técnicas anteriores, ancestrais e radicais, fala e escrita.

É por isso que o entendimento delas e sua crítica constituem tarefas preliminares à interpretação daquilo que está acontecendo nas TIC, ou seja daquilo que estamos fazendo, quando supostamente estamos (estariamos?) comunicando⁸.

Referências bibliográficas

Muitos são os textos que pesquisam os fundamentos da comunicação. Suas leituras incluem de Vico a Platão (ou de Platão a Vico, se preferirem) passando naturalmente por Aristóteles. E formaram um pano de fundo para inspirar o texto acima. Mas aqueles consultados mais imediatamente são, basicamente, o *De Magistro* de Agostinho e poucos outros. Como indicação sirvam os seguintes.

ABBAGNANO, Nicola. *Dizionario di filosofia*. 3a.ed. aggiornata e ampliata da Giovanni Fornero. Torino: UTET, 2006 (10^a ristampa).

AGOSTINHO. *De magistro (Do mestre)*. In: Santo Agostinho. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pena. São Paulo: Victor Civita, 1973 (Os Pensadores, VI). p.319-356. O original em latim está disponível in: www.thelatinlibrary.com. Consultado em 2008 e 2009.

ÉSQUILO. *Teatro completo*. Tradução Virgílio Martinho. Lisboa: Estampa, 2002. O texto do *Agamemnon*, em grego e alemão, estava disponível também in: <http://search.freefind.com/find.html?id=8522789&pageid=r&mode=ALL&query=&sitemap=Site+Map>. Consultado em março 2009.

GOLDSTEIN, Rebecca. *Incompletude. A prova e o paradoxo de Kurt Gödel*. Tradução Ivo Koritowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Coleção Grandes Descobertas)

JALDÚN, Ibn (±1377). *Introducción a la historia universal (Al-Muqaddimah)*. Trad. Juan Feres.

8 Um aspeto foi omitido na exposição: é o fato de que nas sociedades que conhecemos ao longo da história os meios de comunicação tendem a se concentrar em poucas mãos, nas mãos de quem detem o poder. Isso continua a ocorrer até mesmo hoje, quando “todo mundo” (*hasta cierto punto...*) tem acesso aos celulares, televisão e internet: os controles sobre as TIC estão num processo de concentração, aspeto esse omitido devido ao desejo de deixar mais claro o outro ponto central no foco desta análise. No entanto podemos encontrar até analogias entre o poder, por exemplo, de Berlusconi nas comunicações italianas e ... os fogos de Troia, onde aos servidores de Agamemnon foi reservada a tarefa de fazer funcionar o sistema de comunicação. Do rei com a rainha.

Estudio preliminar, revisión y apéndices de Elías Trabulse. Primera reimpressão. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

DUMONT, Darl. J.; SMITH, Randall M. *Musaios 2002*. Release A. By Darl J. Dumont and Randall M. Smith. Los Angeles, 1992-2002. Trata-se de amplíssima coleção de autores gregos em CD. Informações disponíveis in: www.musaios.com. Acesso em março 2009.